



CORREIO EDITORIAL
 AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
 PODE ABIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL
 DE00602013CE



Gaiato

Quinzenário • 22 de Fevereiro de 2014 • Ano LXX • N.º 1825 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
 Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
 Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

Cinquenta anos da Obra da Rua em Angola

BENGUELA

Padre Manuel António

A festa dos 50 anos de nascimento da nossa querida Casa do Gaiato de Benguela teve, hoje, dia 9 de Fevereiro, o seu ponto alto. Estou a escrever-vos, ao som da música e dos cânticos, no final da tarde de Domingo. A presença dos membros do grupo de Rapazes com suas esposas, vindos de Portugal para a celebração dos 50 anos, foi um grande estímulo para o brilho da festa. Estes filhos viveram a hora do nascimento que os marcou para toda a sua vida. Por isso, não puderam deixar de celebrar, com a sua presença física, uma data muito rica da vida daquela que foi também sua mãe.

O acto central foi a celebração da Eucaristia com a presença, também, dos representantes das Autoridades. Deste modo, a sociedade, nos seus vários níveis, participou, com muito interesse, neste acontecimento. Foi revivido o tempo em que Pai Américo sonhou com a vinda das Casas do Gaiato para Angola e Moçambique. Não pôde ver o sonho realizado, porque entretanto, Deus veio buscá-lo pela morte. A hora do nascimento das Casas do Gaiato de Angola chegou, há 50 anos. Esta data foi celebrada como um fruto precioso do Amor do Pai do Céu para com a multidão de filhos abandonados que tiveram a sua família e continuarão a tê-la na Casa do Gaiato. Foi maravilhoso o testemunho dalguns filhos, já formados, ao contarem a sua história, com a passagem inesquecível pela Casa do Gaiato de Benguela. Como temos referido, várias vezes, há uma multidão incontável à espera da oportunidade de serem acolhidos. A partir da próxima

Continua na página 3



Casa-Mãe da Casa do Gaiato de Benguela



Casa-Mãe da Casa do Gaiato de Malanje

SINAIS

Padre Telmo

CINQUENTA anos! Celebrámos no 2 de Fevereiro, com muita alegria e com profunda gratidão.

Sem o amparo do Senhor não teria sido possível.

Vieram de Portugal alguns Gaiatos fundadores. Quando chegámos, em 1963, uns eram crianças, outros jovens. Suas esposas acompanharam. Família... presentes também — a Emília e a Sãozinha, esposa e filha do nosso Fernando Dias — primeiro Obreiro desta Casa e por quem oramos.

Os nossos que já trabalham em Luanda, mandaram, antes, uma carrinha carregada de colchões e géneros. Lindo! Sinal+.

Estiveram presentes — o Senhor Dom

Luís Maria, que presidiu à Celebração, um representante do Governador, muitos Amigos e os nossos Gaiatos.

O convívio na lagoa, símbolo que nos acompanha, foi uma alegria e evocação de recordações.

Faltou o Neca, o mais velho, que foi chefe-maioral no nosso primeiro arranque.

O terreno da Obra — uma fazenda abandonada — foi-nos oferecido pelo Senhor D. Nunes Gabriel, nosso primeiro Bispo.

Senhor Padre Carlos marcou a Aldeia. Senhor Padre Baptista indicou a nascente de água e fez a planta da casa-Mãe.

Começámos a desbravar. Abrimos alicerces, surgiram paredes, casas, escolas e oficinas.

Somente graças! Obrigado Senhor. □

VINDE VER!

Padre Quim

Fraternidade

É precisamente na altura em que escrevo para O GAIATO e de modo extraordinário o faço, dois dias depois da grande celebração de acção de graças pelos Cinquenta Anos das Casas do Gaiato em Angola. Foi ao romper da aurora, pois na noite passada tinha faltado a electricidade, e o gerador de Casa não podia ir além das dez da noite. Combustível e manutenção ficam-nos caro. Ainda não se acendeu a lâmpada da solidariedade de quem tendo possibilidades, para nos dar uma mão nestes encargos.

Enquanto estas notas passam para a folha de trabalho, o nosso autocarro apita, é a hora da partida dos nossos Gaiatos e suas famílias, que estiveram nas nossas bodas de ouro, regressarem a Portugal. Foram dias de encontro com os mais novos desta Casa. Pareciam parentes da família alargada que há muito não se viam.

O acto central aconteceu no pátio das escolas, entre a casa-dois e a casa-três, à sombra duma grande árvore. O nosso bom Amigo e Pastor, senhor Dom Óscar Braga, Bispo Emérito de Benguela, foi o presidente da Celebração. Amigo da nossa família sempre presente. Ainda a Obra não tinha chegado a Angola, naquele longínquo 1963, quando foi despedir-se do grupo dos fundadores, naquele adeus quando «o Rita Maria» se fazia ao mar. Cânticos e danças tudo feito pelos Rapazes, como é o ideal da Obra. O almoço foi no interior do nosso anfiteatro e na pérgula.

Continua na página 3

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Viver

NESTE dia em que escrevo, um dos nossos Rapazes partiu para a vida. Não que até aqui não vivesse, mas vai assumi-la agora de um modo novo. Para as vicissitudes que encontrará, leva as armas necessárias, e acredito que suficientes, para sair vitorioso.

Ele não é um produto acabado; é uma vida em construção, como todas. Isto de se pensar, ou desejar, que o jovem, ao deixar a casa paterna, leve tudo para a sua vida futura, é um sinal de medo despropósito e de paralisia perante a vida.

Diria mais: é preciso que falte sempre algo, se não muito, na vida de cada um. Daqui virá o dinamismo, o trabalho e o esforço que temperam e

trazem alegria à vida. Se tudo feito, só falta a morte.

Sabe-se como dezenas de milhares de jovens portugueses têm partido das suas terras, nos últimos meses, para não morrerem estagnados no seu País, que parece ter tudo feito. Nele, instalou-se a letargia, submeteu-se a espontaneidade a modelos estanques, que a lei regula. Quem cá está, tem de se adaptar ou, então, partir para onde possa realizar os seus ideais, porque nesses modelos não cabe.

Também nós nos vemos espartilhados. De há mais de uma dezena de anos que a nossa Obra em Portugal não tem espaço dentro do modelo instituído. Dizem continuamente: Têm de se adaptar; têm de entrar nos programas estabelecidos...

Nós não queremos morrer. Ainda. A nossa Obra, desde o início, «é uma palavra nova», dito por Pai Américo, ele que há muitos anos dizia o que agora se diz. Não podemos nem devemos adaptar-nos. O sal não deve perder o seu sabor, senão não serve para nada.

Nós não somos perfeitos nem detentores da perfeição. Mas... Vamos... «O Padre Américo é um impelido», disse de si próprio. O amor de Deus impele, renova, purifica e dá alegria, como o sal. É d'Ele que aprendemos e por Ele vivemos.

Já estamos em África, há cinquenta anos, presentes e vivos. Quem sabe, se futuramente noutras partes do mundo, onde haja espaço para a criatividade, a seriedade e a vida.

O nosso modelo é a Família, e não outro. Foi e será. Família em construção, onde nunca está tudo acabado. Família inspirada n'Á de Nazaré: a Família de ontem, de hoje e de sempre. As de outro modo, dissipar-se-ão.

Somos de Cristo, que nos manda ser sal. Muita coisa, no ambiente que nos rodeia, vem sendo adulterado: a Família, os indivíduos e até os próprios elementos naturais. Não nos podemos adaptar; não nos podemos deixar adulterar. Só assim seremos fiéis à vocação. □

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

FOME DE PÃO, E TAMBÉM DE ORGANIZAÇÃO — Estimamos, há dias, numa zona do País com dirigentes de IPSS's que nos disseram haver por lá situações de fome, especialmente em famílias onde, quer o pai, quer a mãe, estão desempregados. Antes trabalhavam na hotelaria e na restauração no Verão. No Inverno havia sempre algum trabalho na construção civil. Agora a construção civil parou e o que se pode ganhar na hotelaria e na restauração no Verão não chega para viver o ano todo. Quem nos disse sabe do que fala porque atende casos destes todos os dias num número que está a aumentar.

Cá por estes lados, a situação não é bem assim, mas, uma vez por outra, têm passado por aqui casos que, na aparência, ou na realidade andam próximos disto. Também, de vez em quando, nos chegam apelos de fora, por carta ou por outras vias, de gente que nos diz estar nessa situação.

O que deve fazer o Vicentino e qualquer outra pessoa que quer ajudar, numa situação destas, é ir ver, avaliar a situação *in loco* e não ajudar às cegas. É isso que procuramos fazer.

Esta resposta que os Vicentinos e outras organizações ligadas à Igreja e fora dela dão a situações de emergência social é precisa, mas tem que ser dada procurando um conhecimento directo das situações. No entanto, só resposta à emergência social, mesmo com estes cuidados todos, não chega. São precisas respostas complementares na habitação, na saúde, na educação, na criação de emprego e a outros níveis que sejam necessários para que as pessoas ajudadas possam sair da situação em que estão e consigam a autonomia que lhes permita viver uma vida condigna.

Ora é aqui que há problemas. Andamos ainda muito desligados uns dos outros, ou seja, há ainda muito chão pela frente para ligar entre si as respostas às situações de emergência social e as respostas nos outros domínios. Os Vicentinos precisam de contribuir nesse sentido e muitos vão-no fazendo, mas é preciso fazer mais e melhor. Também quem tem intervenção nos outros domínios precisa de se ligar mais e melhor com os Vicentinos e com outros que andam neste trabalho de proximidade com quem precisa de ajuda.

Se caminharmos neste sentido haverá mais eficácia, mais eficiência e mais justiça na acção social. □

PAÇO DE SOUSA

Fausto Osvaldo

HORTA — O João andou a semear as ervilhas para nosso consumo. Primeiro espalhou estrume e preparou a terra. Também plantou couve e semeou alhos. A horta está bonita com variadas espécies de plantas, que depois de crescidas, irão para a nossa despensa, para nos serem servidas.

LENHA — O Paulo «Mudo» andou a escolher lenha no telheiro

para o consumo da padaria e das casas. Com ela, acendem-se as caldeiras, que irão aquecer a água e as casas. Este trabalho é importante e muito necessário para o nosso bem-estar.

TIPOGRAFIA — Tem aumentado o pedido de trabalhos à nossa tipografia por pessoas e empresas de fora. Além destes trabalhos, também fazemos os livros sobre o Pai

Américo e a nossa Obra. Temos ainda outros trabalhos planeados para fazer, de que em breve daremos conhecimento.

CAMPO — Por causa da muita chuva que tem caído, não temos conseguido fazer os trabalhos nos nossos campos, que estão alagados. Só quando a chuva parar é que teremos condições para continuar a trabalhar nos nossos campos agrícolas. □

LAR DO PORTO

Casal Félix

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Terminadas as Festas e a entrada no novo Ano, voltamos para dar notícias sobre a nossa Conferência. Vamos continuar a pôr à disposição dos nossos pobres as nossas visitas e estaremos atentos às suas preocupações, tentaremos dar o nosso melhor, para que tenham, pelo menos, uma vida com dignidade.

Não fazemos milagres, mas tentamos, dentro do possível, oferecer-lhes a nossa amizade, para que sintam que não estão sós; mas, para que isto seja possível, precisamos da ajuda dos nossos Amigos, que até à presente data têm sido solidários, não só a nível material mas, também, com mensagens de conforto e ânimo, para que continuemos a ser mensageiros.

Tudo indica que vamos ter um ano muito difícil; mas nós, vicentinos, vamos continuar a ajudar os nossos pobres a ultrapassarem, da melhor forma, as suas dificuldades.

Das famílias a que assistimos: a maior parte está desempregada; outros vivem do rendimento mínimo, têm filhos menores e os seus encargos são elevados. Algumas, já têm dívidas com a água, a luz e a renda... e, neste momento, não estamos a conseguir ultrapassar esta situação, uma vez que também estamos a receber menos ajuda, e não queremos que falte, pelo menos, a alimentação; por estes

motivos, apelamos aos nossos Amigos que, dentro das suas possibilidades, nos continuem a ajudar.

Pai Américo dizia que *as Conferências de São Vicente de Paulo, são elemento indispensável na nossa formação de verdadeiros cristãos, é assim mesmo. Porquê? Só quem é Vicentino poderá responder, e, quantas vezes inexplicavelmente, pelas lições que aprendem no contacto directo com a miséria social, a que nós já, infelizmente, pertencemos, e agora melhor a sabemos e a compreendemos.*

Concordamos plenamente, as nossas visitas têm sido uma escola para a nossa vida, apercebemo-nos que a vida não é só coisas boas, temos que olhar para o lado e certificarmo-nos que podemos dar um pouco do nosso tempo e ajudar e partilhar com os outros que estão com mais dificuldades.

O QUE NÓS RECEBEMOS — António Geada, 100€; Amiga, da R. Formosa, 50€; Maria Inês, 50€; Manuel Ferreira, 20€; Dalila Calijão, 50€; Maria Alice Lourenço, 20€; Eng. Roberto Almeida, 100€; Dra. M. Luz Silva, 500€.

A todos os nossos Amigos um bem-haja e um Ano de 2014 cheio de felicidade e amor, que o Pai do Céu vos ajude sempre naquilo que vós desejais. □

DIA MUNDIAL DO DOENTE

Padre João

NO dia 11 de Fevereiro, dia de Nossa Senhora de Lourdes, assinala-se o Dia Mundial do Doente — feliz iniciativa do saudoso Papa, Beato João Paulo II.

Todos somos, uns mais que outros, sofredores e doentes desde que nascemos. A doença, a decrepitude, é inerente à condição humana. Todos o sabemos e experimentamos. Nem todos reagimos de igual modo diante da dor. A nossa reacção tem a ver com muitos factores, nomeadamente os de natureza religiosa...

De facto, o sofrimento e as questões que o associam à vida humana, são tão antigas como a humanidade. O homem bíblico também ao confrontar-se com

essa realidade não podia deixar de questionar-se, como todos os outros, sobre o porquê da dor e da caducidade da vida humana, como bem a expressa a literatura sapiencial bíblica e a alma orante dos salmos: «Os dias do homem são como sombra que passa...»

A grande preocupação do homem crente-bíblico é expurgar, dessa experiência humana, quaisquer ressaibos de sabor politeísta. Pois: «Deus viu que tudo era bom... muito bom», ao contemplar a Sua obra criadora.

O sofrimento e a dor permanecem sempre misteriosos. Não vêm de Deus, de um deus concorrente; porventura cioso de sangue. Mais difícil a dor e o sofrimento dos inocentes... Job

não se cansa de protestar a sua inocência.

Jesus é chamado o *Homem das Dores*. Não se furtou à experiência da debilidade. O “rebaixamento” de que fala S. Paulo aos Filipenses, não é uma “piedosa” interpretação da dor. Na sua dor, «os homens encontraram uma pura semente de alegria...», como cantamos na liturgia pascal. Quer dizer, a dor é não uma fatalidade mas oportunidade. Aqui se abrem caminhos até então vedados. De braços abertos na Cruz, Jesus gritando ao Pai a Sua condição de abandonado, não só exprimiu a Sua solidariedade com todos os que sofrem, mas conferiu ao sofrimento um carácter redentor, constituindo-Se, Ele mesmo, na Sua experiência, paradigma — O Redentor.

Era Quem nos convinha. Não nos convinha, de facto, apenas “alguém” solidário. Mas “alguém” que, “experimentado” no sofrimento, se convertesse em oblação agradável ao Pai: «O Filho Bem-Amado».

Na história da Igreja sempre houve uma predilecção especial pelos Doentes. Para além de tudo o que é humanamente exigível, nos cuidados a prestar-lhes: cuidados técnicos, especializados, paliativos e continuados, deve estar sempre presente, activa-

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

AGROPECUÁRIA — As chuvas intensas e o vento forte também assolaram esta região. Os terrenos de baixa estão muito encharcados, pelo que vai atrasar a sementeira da aveia; embora, no nosso campo do *Ti Jaime*, as sementes caídas da cultura anterior já fizeram a sementeira. Depois do estudo, na loja do nosso quintal da *Tia Adelina*, desgrelámos os tabuleiros de batatas, armazenados. Nos jardins, as tarefas continuam, tal como a descarolagem do milho.

ARRANJOS — Como os tacos de madeira da sala de recepção, da nossa Escola — Centro de Estudo — ficaram levantados, tiveram de se substituir por mosaicos. Quando for possível, é de arranjar também o chão da sala da Biblioteca.

CATEQUESE — Este é um sector importante da vida da nossa Família e de qualquer comunidade cristã. Neste ano pastoral, contamos com os seguintes Catequistas, que agradecemos: Prof.^a Fernanda (1.º ano); D. Cecília (2.º ano); Prof.^a Helena (Primeira Comunhão); e voluntários da residência dos estudantes da Beira, de Coimbra. □

mente, a proximidade ao sofredor, bem comparável à parábola do Bom Samaritano, que Bento XVI elegeu subordinando-a ao paradigma de «um coração que vê...»

O cuidado da Igreja extravasa a técnica, procurando que cada doente leve a sua cruz, como nos recordava o Padre Américo, a propósito da sua atenção pelos doentes: «Que cada doente leve, sim, mas não arraste...», recomendando muitos outros cuidados, numa alusão longínqua ao que hoje se chama de “boas práticas”.

Nestes cuidados, os espirituais também. O Sagrado viático; Jesus Eucaristia, o companheiro, o amigo da «última passagem...»,

não esquecendo que às boas práticas se deve abrir caminho à compreensão espiritual mais profunda da dor e do sofrimento: «abrindo-os à luz pascal», como nos recorda, numa feliz citação de um prefácio da missa, o Papa Francisco.

Finalmente, termina o Papa a sua mensagem, com uma referência a Nossa Senhora. A presença de Maria nesta caminhada é indispensável. Ela sabe como se percorre este caminho e, por isso, é a Mãe de todos os Doentes e sofredores: «Ela é a Mãe do Crucificado e Ressuscitado: permanece ao lado das nossas cruces e acompanha-nos no caminho rumo à Ressurreição e à Vida plena». □

PENSAMENTO

Pai Américo

A vida em comum empresta, ainda, um delicioso panorama familiar à nossa Obra. Não é raro ver como os maiores ameigam os mais pequenos, os trazem ao colo dos campos e dos brinquedos. Não é raro. Ora o segredo da educação deste mundo sem família reside precisamente no saber colocá-los em casas de família. Dar-lhes sangue que os prenda uns aos outros, para serem laços de sangue; e, desta sorte, ser mais intensa a repugnância do pecado. A transfusão de sangue não é coisa de agora. Vem do Gólgota!

in *Cantinho dos Rapazes*, p 77

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

ANTES de escrever, instintivamente fecho os olhos e levo as mãos ao rosto para uma prece à Luz. Tornam-se presentes as pessoas que por iniciativa própria vêm a esta Casa com seus donativos, ou de longe, nos mandam ajudas valiosas e as que na andança pela cidade procuro. Também outras que não consigo encontrar, porque ainda não se abriu o caminho do coração para as necessidades dos mais pobres.

O nosso equilíbrio, sem dúvida é instável. Estão muitos a sair para trabalho e estudos. Preciso é alugar um quarto ou dependência, onde caibam dois com suas camas, utensílios de cozinha, mesa para estudo e refeição. O mínimo dos mínimos que inclui ainda custo de propinas e material escolar, alimentação e deslocação. Se estudam à noite é porque têm emprego de dia, para onde levam além da formação humana, o básico para desempenhar o seu trabalho aprendido aqui. Há casos complicados por falta de prática de gerenciar o dinheiro que recebem, ou de quem aluga e temos de continuamente aparar as diferenças. Passam de sessenta estes. Em Casa, tudo é mais programado, o que também não é fácil. Uniforme escolar e de

educação física obrigatórios, livros até à sétima o Ministério dá. Livros da oitava à décima do novo programa, sacola, sebatas e cadernos, para cada disciplina, lápis, afiador, estojo de desenho. Se uma família com dois ou três se vê aflita que seria de nós se a Academia do bacalhau não estivesse há muito a porfiar consegui-lo entre compadres e amigos. Passam estes de cento e cinquenta.

Há também manifestações de interesse em programas ambiciosos de sustentabilidade. Quantos encontros, quantos esclarecimentos, quantos papéis que nos afogam e tiram a livre respiração para acudir ao dia a dia. Por um lado não queremos deixar de ser pobres para os pobres para enriquecer a todos, como dizia São Paulo. A Obra da Rua é um testemunho de pobreza espiritual por amor aos marginalizados da sociedade, mormente as crianças abandonadas, e os que as servem vivem em dores e aflições contínuas. Preferíamos que nos vissem como despenseiros fiéis ou *recoveiros* como dizia Pai Américo do que nos dão e é com íntegra justiça social e transparência como agora se usa dizer quando a não há, que aplicamos os donativos. Não aspiramos a grandezas que nos retirem

o carisma de pobres, mas antes queremos fazer todo o esforço que está ao nosso alcance, na fazenda e oficinas, para que sirva essa sustentabilidade, e seja um factor indispensável da formação integral dos rapazes. Fazer brotar neles o encanto e o respeito pela natureza, pelos animais, pela árvores que plantam, pela vida selvagem que vão descobrindo cá dentro. Ocupá-los num trabalho útil à grande família que somos, dar-lhes responsabilidade na educação dos irmãos mais novos ou até da mesma idade, para *fazer de cada rapaz um homem* é imprescindível à sua educação. Dar-lhes o sabor do espiritual, das virtudes, das aptidões escondidas em cada um, até que recebam na catequese na vida do dia a dia o toque interior para o qual Deus se serve de nós.

Sinto profunda tristeza por não haver mais pessoas iluminadas que olhem para a Obra com sensibilidade de justiça social que descubram nela a capacidade de construir o homem moçambicano a partir do nada que são os nossos rapazes, e que somente vejam isso possível com muito dinheiro que é o feitiço predominante nesta terra de tantos enfeitados. □

VINDE VER!

Padre Quim

Continuação da página 1

À volta da mesa familiar sentimo-nos irmãos. Não faltou uma palavra dos mais velhos, o pé-dança dos pequeninos quando o palco se encheu de espectáculos. Se, um dia, a desgraça de ser abandonado pela família fechava qualquer possibilidade de ser amado, hoje a Obra da Rua vem escancarar estas portas. Aqueles que não têm família, não perderam o gosto de serem filhos. É do coração de Pai Américo, transbordante de amor, que vieram estas expressões. Revolucioná-

rias; o amor transforma os corações. É da generosidade que se tornou realidade o propósito da Obra em *fazer de cada rapaz um homem*. Quanto mais não será justo dar-lhe a mão para que esse ideal se mantenha favorecendo o progresso das sociedades. Trabalhamos para o equilíbrio da vida social. O abandono é o caminho para a miséria, de milhares de crianças à nossa volta. Se o homem abandona a Deus, perde-se. Tal acontece quando a criança não tem amparo. Só o amor pode convidar os homens à fraternidade. Palavra que diz tudo sobre o nosso ser familiar nas Casas do Gaiato. Não queremos ser outra coisa, nem mais nem menos que a Família dos sem-família. □



Pérgula da Casa do Gaiato de Benguela

SETÚBAL

Padre Acílio

Jantar

NO 40º aniversário do Lions Clube de Setúbal, quatro dos nossos rapazes, foram convidados para o jantar da cerimónia, que se realizou num hotel da cidade.

Com os seus saxofones, dariam um pouco de alegria às pessoas e injectariam do mesmo modo, alguns fochos de luz juvenil.

Só senti bem o alcance do convite quando, ao entrar na sala, contemplei o arranjo das mesas, o brilho das louças e a organização dos lugares. Pelo caminho, instalados na nossa Sharan, ainda fui ouvindo algumas exclamações:

— *Eh pá! Eu nunca entrei num hotel; eu já fui a um em Fátima.*

— *Não admira — atalhei. — Há por aí muito boa gente que nunca entrou nem entrará num hotel e, apesar disso, são pessoas de muito valor.*

Havia muitos convidados de Lisboa, Coimbra, Montijo, Seixal, Grândola e Santiago do Cacém, além de governadores e autoridades leonísticas.

Sentaram os rapazes, dois na minha mesa, e mais um em cada outras duas mesas. A sala respirava algum requinte e o ritual emprestava-lhe beleza e dignidade.

A saudação às bandeiras, a leitura do código de ética e dos objectivos, com a nomeação presente das personalidades escolhi-

das e, a assembleia de pé, apreciando os gestos e as ideias, era uma lição de civilidade prática e de aprumo humano que os rapazes jamais esquecerão.

A sua actuação não foi brilhante para o que eles já são capazes, mas o Júnior destacou-se com dois números difíceis e razoavelmente interpretados.

Tunning

GRUPOS de pessoas ligadas por motivos acessórios como carros enfeitados e motos, juntam-se atraídos pelo gosto do convívio.

Como a Casa do Gaiato tem normalmente um grande espaço, enriquecido de vida, não só humana, mas também vegetal e animal, transforma-se num lugar apetecível para a reunião de muitas pessoas.

Vários amigos da Diocese de Setúbal pertencem a esses grupos e, são eles que encaminham os seus sócios para este lugar com o objectivo não só de gozar a companhia recíproca, mas também dos rapazes.

Este último calhou num domingo de muita chuva e temporal medonho, mas mesmo assim, os mais fervorosos venceram as dificuldades e vieram fazer crepes, milho expandido ao calor que, na região de onde sou natural, tem o nome de «freiras».

Outros foram chegando e, com eles, um casal que traz sempre uma máquina para fazer cachorros quentes que ofereceram aos rapazes com batatas fritas e cenoura migada.

Está programado para o dia 11 de Maio uma grande concentração de *motards* vindos de toda a cidade e arredores de Lisboa e toda a baixa sul do Tejo, com Setúbal na comitiva.

Querem ajudar-nos com as suas ofertas e angariar, em hipermercados, alimentos para as Casas do Gaiato da Obra; o que é bom para todos: para eles que ganham para os pobres que aqui se abastecem e para nós que concentramos energias para acudir aos necessitados.

Para Maio, já o tempo terá levantado.

Projectam concentrar-se junto ao rio e subirem, em caravana, cidade acima em direcção à Casa do Gaiato.

Querem, com este gesto, manifestar o apreço que esta Obra lhes merece, ajudá-la com as suas campanhas e enriquecerem-se no contacto de um dia inteiro com ela.

Mostrar-lhes-emos o nosso filme que rodará em grande ecrã, durante toda a visita.

Assim, as periferias da fé cristã, em prática de boas obras, virão aqui alimentar-se, nesta fonte de água viva, que é a Casa do Gaiato. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Continuação da página 1

semana, vamos tentar aumentar a capacidade da recepção de novos filhos, casos em extrema necessidade.

Ao olharmos para o futuro com muita esperança, confiamos na generosidade dos vossos corações. A celebração deste aniversário marcante foi, também, uma oportunidade para fazer um apelo veemente à generosidade, de tal modo que não venham a faltar os meios necessários para a sobrevivência desta Família. A mãe Angola deve pôr a mesa para que todos os seus filhos tenham o necessário para a sua existência com dignidade. A cultura da solidariedade deve ser o dinamismo marcante dos corações das empresas e das pessoas que devem partilhar com os mais necessitados o pouco ou o muito que têm. A riqueza só é a base do desenvolvimento real duma sociedade, na medida em que todos os membros partilham dela. Este comportamento, em pouco tempo, cura as feridas da sociedade, resolve as situações de privação. Cria relacionamentos fraternos e

faz nascer uma comunidade com a marca da Família. Quem dera tenhamos coragem para abrir o nosso coração para ver o que ainda não fizemos, neste campo, para darmos o passo em frente. Tenho esperança que nasça, desta celebração dos 50 anos da nossa Casa do Gaiato de Benguela, um conjunto de gestos generosos. Os noticiários das emissoras locais que levaram, mais longe e mais perto, o conhecimento da situação de verdadeira necessidade por que está a passar a nossa Casa do Gaiato de Benguela vão dar os seus frutos. Temos muita esperança. Vamos continuar a trabalhar.

Começaram as aulas, no novo ano lectivo. Alguns filhos que já deviam ter frequentado a escola não o fizeram, por causa do abandono a que estavam votados. Vamos tentar salvá-los. Por outro lado, dois filhos que terminaram o ensino médio, com proveito, foram matriculados na universidade, onde foram acolhidos como bolseiros. É uma verdadeira riqueza humana para o serviço da nação. Neste dia, em que celebrámos a festa dos 50 anos do nascimento da nossa Casa do Gaiato de Benguela, recebi um beijinho dos seus filhos mais pequeninos. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Restos de pão

O nosso povo, há 40 anos, não regressou da Babilónia, mas de costas e mares de lágrimas e navegados até ancorar no resto do Império. Entretanto, vai continuando outra diáspora. Foi espalhando a língua, a cultura e a fé, com marcas bem evidentes e consistentes pelos quatro cantos da Terra.

A descristianização do ocidente não será linear e contínua; e há inúmeros sinais de fermentos novos e restos de sementes por todo o mundo. Na experiência cristã, algo que perdura está ligado necessariamente ao encontro pessoal com as necessidades e angústias humanas, na preocupação pela miséria social, vinculando o que partilha e aquele que recebe. É simples e totalizante a mensagem e que S. Paulo anunciou: *Jesus Cristo crucificado*. E os pobres n'Ele!

Isto dos restos tem que se lhe diga, quando a economia mundial está a saque de especuladores, num sistema em que predominam os mais poderosos que lesam o bem comum e matam vidas humanas.

Como evangelizar, envolvendo as pessoas e ajudando a restituir-lhe a sua dignidade? A verdadeira religião não convive com a injustiça, mas chama a repartir o nosso pão com o faminto... É, também, assim que Deus Se faz próximo de nós.

Iluminados por estas palavras, em Isaías, a rotina do quotidiano tem outro sabor e envolvimento, nomeadamente quando o nosso

olhar vai pairando pela sala de jantar. Logo depois da bênção da mesa familiar, voltados para a Ceia do Senhor, há que repartir os nacos de pão para uma dúzia de boquitas mais chegadas e ainda botar atenção nas outras malgas de sopa, adubada e com couves caseiras, referência da dieta mediterrânica. Jesus fez do trivial lições sobre o fundamental da vida humana. Nos convívios das mesas e com os famintos, fez mesmo grandes amigos.

E assim vamos tentando compreender uma mentalidade cristã e da diferença, às avessas do estrelato, que até na Criação se manifesta cabalmente. Vimos bem isto, em dias de temporais, numa inversão natural, ao mirarmos o arvoredado e nos centrarmos nas fruteiras carregadas, como os citrinos que vão deixando cair muitos frutos e os diospireiros vergados. Sinais tão simples de humildade!

Na humanidade construtora de um mundo novo, ocorre-nos pôr, aqui e agora, em cima do candelabro o exemplo radical e extraordinário de Ana Lena, assassinada a 5 de Outubro de 2003, depois de uma vida transbordante com os mais pobres e frágeis, em ambiente muçulmano na Somália, a cujo resto prestava serviço de joelhos, afirmando: *Só há uma tristeza neste mundo, a de não amar*. Não se pode, portanto, perder de vista o que é prioritário na evangelização, proclamando o Evangelho com a vida, para a Luz brilhar como a aurora.

Com as inclemências da invernia, escutámos outros lembretes: — *Tragam-nos roupas de frio e agasalhos para o meu pequenino...* O Senhor também nos diz: *Leva roupa ao que não tem*. Dos restos de roupa usada que vai chegando, é mister distribuir cada vez mais.

O Arménio, a querer levantar a crista, recaiu com tossiqueira, pois queria enfrentar os rigores à futrica e assim aquecer ao rolar da bola. Parece que só quando nos ferimos é que aprendemos as lições. Não seria preciso chegar a tanto, pois fruta e roupa vai havendo para as necessidades. Alguns têm escapado às gripais, mas é com visitas sorrateiras às tangerineiras...

Os desperdícios alimentares, a nível mundial, são uma enormidade clamorosa. Se as vitaminas são importantes e vão estando à mão, há tempos atrás, dispusemo-nos a aproveitar sobras de pão caído e com defeito, das redondezas. No entanto, a situação tem-se alterado. Por isso, entre nós, temos de cozer mais fornadas de pão, caseiro, até porque lenha e braços não faltam. É claro que, com aquela baixa de restos de pão, vem aí mais uma oportunidade, pedagógica, nesta vertente de envolver a garotada a aprender fazendo. Meter as mãos na massa, a sério, e vê-la crescer no forno abrasador ajuda a entender melhor o sentido do pão que se come e se reparte com os companheiros, na mesa e no Altar. A necessidade aguça o engenho. E quando as pessoas se entregam a uma causa salutar e benéfica, mesmo sendo um resto (e cristão!), podem fazer avançar o mundo. Então, a noite será como o meio dia! □

CALVÁRIO

Padre Baptista

A nossa Capela não tem imagens de santos, só a da Virgem Maria. Os nossos santos estão nas camas do Calvário. Não nos pedem flores nem adereços. Não são exigentes. Somente esperam que lhes demos de comer e deles cuidemos. Não querem promessas, mas certezas. São uns santos inocentes. Não fizeram nada de especial, alguns deles. Nasceram atrofiados e totalmente dependentes, muitos dos que aqui repousam.

A Fernanda, sentada numa cadeira de rodas, canta tagarelando. Abre a boca como um pássaro, quando lhe damos a refeição.

A Alice pequena vai na casa dos setenta anos. Apenas sorri quando alguém se aproxima dela.

O meu Faneca nunca conheceu o colo da mãe. É um ser que espera os braços de quem dele se abeira. O seu maior prazer é entrar na banheira. A custo o retiramos dela.

Todos estes não sabem o que seja o mal.

Os pobres são ocasião para descobrirmos o Senhor escondido, mas vivo. A nossa fé passa também por aqui. É um exercício não especulativo, mas prático, de viver a nossa fé. Quem vê estes pobres inocentes, vê-O a Ele.

Os nossos contemporâneos estão a pôr de lado a existência de Deus, a marginalizá-LO. E os cristãos fazem o mesmo quando não olham para estes pobres com os olhos da fé.

Eu ando para aqui sempre e somente a falar de doentes. Mas os pais, quando encontram alguém, também falam sempre dos seus filhos. Eles são o melhor do mundo. Também Deus no quer falar de Seus filhos mais pequenos e pobres. Andemos atentos.



Os nossos santos estão nas camas do Calvário

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Já tenho feito aqui alguns reparos, tristes para mim e para homens de boa vontade, sobre a insensibilidade às tragédias humanas que se abatem sobre famílias sem recursos e sem trabalhos e sobre as pessoas sem ninguém, da parte de algumas comunidades eucarísticas que se reúnem ao Domingo, para celebrar o dia do Senhor e sobre os seus pastores.

Graças a Deus, nem tudo é raso, nem com todos os crentes.

O Espírito de Deus não dorme em todos os corações, mesmo nas comunidades mais alheias à pobreza há sempre um ou outro cristão que participa, comunica, sofre e se sacrifica. São estes que mantêm vivo o Evangelho e, «prendem» o Espírito Santo para que não deixe a Igreja de Cristo.

O Património dos Pobres também vive destes homens.

Tenho uma feliz notícia para levar aos leitores, através de um pároco desta diocese de Setúbal que se lembrou de recorrer ao Património, em carta a nós diri-

gida, com data de 24 de Janeiro de 2014: «Esta paróquia, através do grupo de atendimento e acolhimento a famílias carenciadas, tem prestado apoio ao seguinte agregado familiar composto por dois elementos — fulana com 55 anos e seu filho com 10 anos.

Trata-se de uma família monoparental, feminina, viúva, com filho menor a cargo.

Encontra-se em situação de desemprego há vários anos e é beneficiária do RSI no valor de 120€. O menor recebe pensão de orfandade no valor de 100€ e abono de família no valor de 40€. Vivem em casa da mãe que já faleceu e da qual é a única herdeira. Têm dívidas de condomínio, água e IMI no valor de 1723,94€. Quanto à casa de habitação, tinha empréstimo ao banco 7251€. Já conseguimos amortizar 3637€ e para concluir o pagamento desse empréstimo, faltam-lhe 3614€; valor que se fosse liquidado, daria a esta família oportunidade de sobreviver com os seus parcos rendimentos.

Mais se informa que a casa de habitação se encontra bastante degradada e com necessidade de algumas obras de recuperação.

É de referir que a D. fulana está com uma depressão profunda e, só agora aceitou acompanhamento psicológico e, em consequência deste problema de saúde, está desmotivada e não consegue sozinha, organizar e fazer higiene habitacional (é uma acumuladora de lixo).

O grupo da paróquia já começou a limpar e a organizar esta casa (...) e está convicto que este apoio poderá resolver o problema desta família. Garante acompanhamento no que diz respeito à higiene e limpeza habitacional e ao problema de saúde. (...) Venho apresentar esta situação ao Património dos Pobres, esperando o melhor acolhimento possível.

Procuramos seguir a máxima do Pai Américo: — cada freguesia cuide dos seus pobres.

Tem sido nossa preocupação, envolver a comunidade nestes

problemas, mas nem sempre conseguimos, pois as necessidades são muitas!...»

Ora aqui temos um padre que lê e entende o Evangelho. Não vai gizar grandes homílias nem escrever artigos eruditos. Vai visitar os pobres e cuidar deles com o grupo da sua paróquia. Pôr às costas as doenças da pobre viúva e fazer tudo o que está ao seu alcance para dar alegria e motivação a quem se encontra no fundo da vida, sem capacidade para sair sozinha.

Mandei-lhe um cheque de 3614€ para cobrir o que restava do empréstimo.

Creio que, com esta ajuda, alentarei o pároco, a comunidade crente e a família.

É injusta a cobrança do IMI a uma viúva nestas circunstâncias económicas. Brado aos céus; mas penso também que a lei lhe facultará a isenção, se lhe for requisitada ao director local das finanças.

Este pároco não me escreve a dizer que a paróquia não tem

meios, como alguns, mas realça um papel activo e real da sua comunidade, as dívidas já saldadas nesta família e, naturalmente com outras, e o projecto feliz da recuperação desta pobre família.

Este padre não precisou de andar a perder tempo numa licenciatura da universidade; ele próprio, como um autodidacta de pastoral, mete-se na vida concreta dos pobres, aflige-se com elas, motiva a sua comunidade e garante o apoio a estas e outras famílias a desmoronarem-se.

Quem me dera que a tantas prestações bancárias, cauções e rendas de casa, pagamento da luz, água e gás, correspondesse sempre um grupo da paróquia para amparar tantas famílias, esporadicamente beneficiadas.

Como é bela e fecunda a preocupação de envolver a comunidade nestes problemas. Assim se prega e experimenta e vive o Evangelho de Jesus. Assim se irradia a fé cristã e, se sai para a rua escudado pelos pobres: as melhores luzes de Deus. □